







O INCRÍVEL
TESTAMENTO DE
DOM AGÁPITO







Hélder Moura

O INCRÍVEL
TESTAMENTO DE
DOM AGÁPITO

Miró
EDITORIAL

São Paulo

2014





Copyright © 2014, 1ª edição brasileira
Hélder Moura

1ª edição 2012, Hélder Moura e Chiado Editora (Lisboa, Portugal) [ISBN: 978-989-697-708-5]
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa,
em vigor desde janeiro de 2009.

Produção Editorial **Miró Editorial**
Diretora Editorial **Márcia Lígia Guidin**
Coordenação Editorial **Rozângela Inojosa Galindo**
Revisão **Aginaldo Alves de Oliveira**
Adir de Lima
Claudia Vilas Gomes
Projeto Gráfico **WK Editorial**
Capa **Willy Kiyoshi: óleo sobre tela de**
Davi Queiroz
Impressão e Acabamento **Bartira Editora Gráfica**

Para adquirir esta obra, entre em contato com:
editorial@miroeditorial.com.br
www.miroeditorial.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moura, Hélder
O incrível testamento de Dom Agápito / Hélder
Moura. -- São Paulo : Miró Editorial, 2014.
ISBN: 978-85-62381-31-7
1. Ficção brasileira - Portugal - Óbidos - Nordeste -
História I. Título
14-02358 CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93ISBN

ISBN: 978-85-62381-31-7

Todos os direitos reservados
Miró Editorial Ltda.

Miró
EDITORIAL

Rua Augusta, 2676, cj. 143.
CEP 01413-100 — São Paulo — SP
Tels. (55) (11) 3063-3390 / (55) (11) 3532-3342
Visite nosso site: www.miroeditorial.com.br





A meu pai, que me ensinou a contar histórias.
E à minha mãe, com quem aprendi tudo sobre saudade.





Davi Queiroz
Agapito.indd - 8





Personagens

Dom Agápito
Agápito, o pai
Quitéria, a mãe
Vigário Alfonso
Juíz Praxedes
Dona Graciosa
Delegado Alferes
Metódio Dália
Palmira Dália
Alcaide Coriolano
Médico Balduíno
Beata Isalina
Tenente Cassiodoro
A moira Leopoldina
O diretor Aparício
Fia
Escrivão Agamenon
Sacristão Calistrato
Tabelião Ananias
Clotário





Só pra puxar assunto

Óbidos vem do termo latino *oppidum*, que significa cidadela, ou cidade fortificada, e Agápito vem do grego e significa apenas afeição. Houve dois papas denominados de Agápito. Agápito I era culto, criou a biblioteca Cassiodoro e se limitou a combater a doutrina monofisista que negava a natureza humana de Cristo e era considerada uma heresia pela Igreja. Obviamente morreu envenenado. Naquele tempo, era moda. Agápito II teve pouca notoriedade. Ficou mais conhecido talvez por anteceder João XII, que chegou ao papado com 18 anos por imposição de seu pai, o imperador Alberico.

Para resumir, João XII (Octaviano de Tusculum, de batismo) apropriou-se de todas as prostitutas de seu pai e chegou a conhecer (no sentido bíblico, é claro) a própria mãe. Era evitado nas festas pelas mulheres da nobreza por sua tara insaciável. Quando punha os olhos numa delas, ou conseguia seu intento ou excomungava a infeliz. Após sofrer um golpe no poder, mandou matar da forma mais cruel dezenas de nobres romanos e os 64 bispos que tramaram sua queda.

Foi assassinado pelo marido de sua amante, em pleno ofício gozoso. Era sobrinho de Marócia, célebre cortesã romana, mãe de dois papas e conhecida por chantagear imperadores e, claro, papas também. Tudo boa gente. Afinal, naqueles tempos tenebrosos, pecado tinha outras interpretações. O papa, aliás, antipapa, João XXIII (eleito em 1410), por exemplo, tinha o hábito de violentar freiras, que considerava uma espécie de patrimônio pessoal para assuntos de satisfação material e certamente espiritual. Era um prelado freirático, como





freirático era Dom João V, importante personagem da história que vem a seguir.

Vila do Convento surgiu, como qualquer pequeno arraial do interior do Brasil, ao lado do Convento das Carmelitas, tradicional local de peregrinação religiosa, depois que uma menina de 7 anos jurou ter visto a Virgem Maria do Monte Carmelo numa tarde de chuva (após meses de estiagem), fato interpretado como milagre. Com o tempo, a vila prosperou a partir do comércio de animais e sisal e virou a cidade de Convento, que depois se transformaria em Óbidos (numa histórica sessão da Câmara dos Vereadores), com a chegada dos portugueses Agápitos, pai e filho, quando todos os habitantes passaram a adotar, espontaneamente, o avexado sotaque lusitano, admirados e perplexados com os estrangeiros, como é tão comum entre os brasileiros.

Os Agápitos fizeram fortuna, pelo que se dizia, e construíram um castelo, na verdade uma réplica daquele que existe na Óbidos original de Portugal desde os tempos de antanho. Muita gente ia a essa Óbidos brasileira só pra ver o castelo e conversar com os brasileiros de sotaque português, um fenômeno ainda não explicado pelos estudiosos da área. Mas um dia, Dom Agápito, o filho, que também era adepto das práticas freiráticas como o rei Dom João V, morreu (dizem, nos braços de Madre Paula) e deixou um testamento inusitado que mudou, mais uma vez, a história de Óbidos, como se verá.



A vida não imita a arte

Bem, meu caro, a história que segue é para pessoas que admitem o inverossímil como algo possível de acontecer, e só foi escrita porque verdadeira, disso dou fé, apesar da acusação de ser um aventureiro das letras e um amador em assuntos da História. Há um alerta a se fazer: aquelas pessoas sensíveis a certas extravagâncias do gênero humano ou prezadoras do pudor não devem prosseguir. Este livro não foi escrito para elas. Na verdade, não sei precisamente para quem foi escrito. De qualquer modo, se você já chegou até este ponto, então, talvez deva seguir em frente.

Mas atenção, não culpe este aventureiro das letras caso venha a se arrepender mais tarde. Você foi avisado. O que não quer dizer muito. Adão também foi avisado e seguiu em frente, como se sabe. O fascínio pelo burlesco é próprio do gênero humano. Originários de uma fábula, seguimos costurando fábulas pelo resto da vida. É nisso que consiste o realismo da vida, quem dirá o contrário?

Aparício escreveu no seu diário: a vida não imita a arte, já que a vida é a própria arte. Fora da arte só existe o caos, como fora da vida nada existe. Desde o início dos tempos. Veja a grande singularidade que deu começo a tudo, espalhando infinitos pontos de luz e energia, que passaram a compor a grande obra artística do universo por todo o sempre. Vida desde o início e arte para sempre. Assim, ao compor uma obra de arte, temos a revelação da vida através da criação artística.

Se você chegou até este ponto, há de indagar: sim, mas onde afinal está o diabo desta história?





A história está aqui: Aos dez dias do mês de agosto do ano de Cristo ao ano da graça.. tal... tal e tal, neste burgo de Óbidos, sendo presentes o Senhor Vigário Alfonso, o excelentíssimo Senhor Juiz Praxedes, o Senhor delegado Alferes Fortunato, o Senhor alcaide Coriolano D'Alencastro, o Senhor escrivão Agamenon Catulino e o Senhor sacristão Calistrato Dadivino, mui senhores principais deste burgo, que passam a compor um Concelho especial de testamento para ouvir o testemunho de todas as pessoas deste burgo que, em qualquer momento de sua vida, tenham tido algum interlúdio amoroso comprovado e atestado, com o mui nobre cavaleiro e digno Senhor do Castelo de Óbidos, Dom Agápito Leiria Castela e Algarve. Todos acertam jurar perante as Sagradas Escrituras, as leis vigentes e a sua própria consciência, dizer a verdade, e somente a verdade, sob pena de cometerem perjúrio, que será punido com as leis terrenas e divinas e mor ainda na eternidade. O escrivão Agamenon, então, indaga: “Jura a senhora Fia da Silva, perante os homens, Deus e sua consciência dizer apenas a verdade na presença desses senhores principais do Concelho de Velório do senhor do Castelo de Óbidos, Dom Agápito Leiria Castela e Algarve?” Fia, com a mão sobre a Bíblia, não se contém: “Credo, cruz. E precisa disso tudo?”



Vem de há muito tempo

Dom Agápito sempre citava o romance de El-Rei Pedro I com Inês Pires de Castro, para dizer que seu coração jamais seria de apenas uma mulher, como fora Pedro I com Inês, que terminou, inclusive, por levar à sua ruína. A história é por todos conhecida. Está, inclusive, n' *Os lusíadas*, de Camões, como a bela Inês. Bem, para aqueles que não conhecem, é a seguinte: o Infante Pedro I, filho do rei Afonso IV, era casado com a castelhana Constança Manuel, um acerto entre os reinos de Portugal e Castela.

Inês era uma das damas de companhia da princesa Constança. Pedro I se apaixonou por ela, e ela, claro, por ele. Dessa paixão, nasceram quatro filhos, dos quais um morreu. Mas Dinis e João se tornaram ameaça para o filho de Constança, Fernando I. Assim, o rei Afonso IV aproveitou uma ausência de Pedro I e mandou executar Inês para manter a paz no reino. Pedro se revoltou contra o pai e se tornaram inimigos.

Com a morte do rei Afonso, Pedro I assumiu o reino e decidiu caçar os carrascos de Inês. Então, executou os dois de forma extremamente cruel, mandando abrir os corpos a golpes de machado e arrancando o coração de um pelo peito e do outro pelas costas. Na sequência, mandou exumar o corpo de Inês que, dizem, estava intacto, no Paço de Santa Clara, e decretou seu sepultamento, com honras de rainha. E, antes de morrer, Pedro I deixou ordens expressas para ser sepultado em vistoso túmulo ao lado de Inês. E assim foi, como está no Canto III:





*“Passada esta tão próspera vitória,
Tornado Afonso à Lusitana Terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste e dino da memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.”*





Pelas vias tortas, como manda o Evangelho...

Agápito tinha algo de sangue real nas veias. Pelas vias tortas, é verdade. Como, aliás, prega o Evangelho. Agápito era descendente de uma linhagem que vem diretamente do rei Dom João V, menos conhecido por João Francisco António José Bento Bernardo de Bragança, e mais reverenciado como Rei-Sol Português ou o Magnânimo, pela ostentação e luxo, e também como o rei Freirático, porque, como toda a Europa sabia, inclusive o Vaticano, Sua Majestade adorava uma freira. O mesmo Vaticano que lhe cobrou 400 milhões de cruzados para conceder o título de Fidelíssimo, pois não.

Era de amplo conhecimento também que el-rei costumava abordar as mulheres da corte em visita ao Paço da Ribeira. Usava de uma estratégia inventiva que se tornou folclórica. Quando as damas visitantes percorriam os corredores do palácio à noite, el-rei orientava seus ajudantes de ordem e moços de câmara a apagar repentinamente os archotes, como se fosse obra do vento ou do acaso. Então, aproveitava-se da súbita escuridão para a abordagem das mulheres pela retaguarda, com “nervosas apalpadelas” e suspiros frenéticos, dizem os historiadores. E raramente era recusado.

Muitas sabiam da tática real e, quando se arriscavam naqueles corredores, algumas já aguardavam até com ansiedade pela investida de Sua Majestade e seus requintes quase bélicos. Outras até se frustravam quando chegavam ao final do corredor, sem passar pela escaramuça sexual. O rei era especialmente





esperto. Começava o assédio nos corredores e, então, comboiava a vítima para a sua alcova real, nas proximidades, onde consumava o ato, desafogando o seu afamado ardor.

Não raro, mulheres terminavam por engravidar do rei famoso. Algumas até se vangloriavam de ter engravidado do rei. Mas quase todas interrompiam a gravidez, por ação dos assessores reais. Não pegava bem tantos bastardos. Contudo, sempre há um descuido. Num desses, a condessa Clara Castissa, prometida, aliás, a um parente próximo de Sua Majestade, prosseguiu com a gravidez.

Consta ter havido uma tentativa de assassinar a jovem de uma alvura singular, mas ela resistiu. Pelo que dizem línguas palacianas, na hora em que ia tomar uma taça com vinho, sentiu uma tontura e a taça caiu com o veneno, que formou no assoalho a figura de um menino. Lenda ou não, o fato é que a jovem sobreviveu para parir seu bastardo. Era o desígnio divino, conforme avaliou Frei Francisco, após horas de elucubrações dentro do mais extremado transe teológico.

Próximos do rei forçaram a condessa a ficar reclusa até o nascimento da criança no Convento das Odívelas, onde, aliás, Sua Majestade mantinha um caso dos mais tórridos, conforme logo se saberá. Depois, por ação diligente do Frei Francisco, o menino, pois que era um belo menino, foi levado para ser criado pelos frades do Convento de Malta ou do Salvador, como se prefira, onde se proferia a Ordem de São Bento.

Odívelas voltou ao centro do poder com Dom João. Toda a corte sabia como el-rei dedicava alguns dias da semana para visitas ao Convento, e não apenas para orar e apreciar seus adorados docinhos. É certo que aproveitava, ocasionalmente, para despachar, longe do Paço, certos assuntos mais embaraçosos, como o destino dado ao dinheiro real, em obras do seu reinado.

Porém, para as más línguas, o motivo real de suas visitas era Madre Paula, diligente administradora do Convento.





Era para Odíveas que el-rei se dirigia com indizível contentamento, tomado de expectativas, para usufruir dos prazeres da mesa e da cama. Era costume se dizer que ali se oferecia à Sua Majestade o melhor serviço. Longe dos olhares da corte, Dom João vivenciava momentos do mais puro deleite, com Madre Paula e as noviças, que ela recrutava para o mister divino. Assim, além dos sublimes docinhos de açúcar, o rei degustava melodias carnais, amparado por todos os cuidados, inclusive religiosos.

E aqui, novamente, o destino urdiu o seu tecido. El-rei acabou por engravidar uma das noviças com sua semente real. Coube à expedita Madre Paula encontrar uma solução para a jovem, que só revelou seu estado de gravidez quando já ultimava o sexto mês. Os médicos consultados pela Madre desaconselharam o aborto.

Madre Paula, sempre tão diligente em acudir o amante real, decidiu esperar pelo nascimento da criança para doar aos frades, o que ocorreu três meses depois. Era uma menina. De linhagem meio real, meio plebeia. Mas de sangue meio real, era bom não esquecer. Maria Ana era o nome dela. Uma zombaria com o rei, afinal era o mesmo nome da rainha, Dona Maria Ana de Áustria, a insípida, que el-rei desposara, mas com quem só estabelecia função nos dias de menor fastio e, claro, por dever real, para gerar os herdeiros da coroa.

Alguns despeitados certamente dirão que me estendi tanto nessa quadra, apenas para achacar a memória do fidalgo rei português. Bem, em minha defesa, apenas tenho a dizer que, se realmente me estendi, não foi para achacar el-rei. Eu juro. Foi apenas uma questão de fascínio pela sua personalidade, que fez sua história, ao mesmo tempo, tão inexpressiva e exuberante. Não é todo dia que temos um rei romântico e, especialmente, freirático...

Mas, antes de encerrar, é justo registrar que Madre Paula também gerou um filho real: José, que terá um destino muito





diferente de Agápito, pois não. José também tinha meio sangue real, mas a outra banda era sacrossanta. Diferente de Agápito, que, apesar de ter nas veias meio sangue, carregava, coitado, uma banda mundana. Com isso, ele só tinha de levar desvantagem. Os segredos do destino certamente guardam lugar para as impiedades.

